

CUIDANDO DO ‘POVO DO PÃO’: PROMOVENDO COLABORAÇÃO E DIÁLOGO ENTRE PARTICIPANTES DE UM PROJETO SOCIAL

TAKING CARE OF THE ‘POVO DO PÃO’: CREATING COLLABORATION AND
DIALOG AMONG PARTICIPANTS OF A SOCIAL PROJECT

CUIDANDO DEL ‘POVO DO PÃO’: CREANDO COLABORACIÓN Y DIALOGO
ENTRE PARTICIPANTES DE UN PROYECTO SOCIAL

RESUMO: Este estudo teve como propósito construir um espaço de conversa entre os participantes de uma ONG, com o intuito de promover vínculos, ações colaborativas e diálogo entre eles. Como procedimento, realizamos um encontro inicial, cinco rodas de Terapia Comunitária Integrativa (TCI) e uma entrevista com cada participante. Para efeito de análise, destacamos nas rodas de TCI os sentimentos de impotência e ansiedade como temas mais frequentes, e como estratégias de enfrentamento, a religiosidade e a espiritualidade. Quanto às entrevistas, organizamos em seis temas os momentos que nos pareceram marcantes: acordos conversacionais; vínculos interpessoais; nova visão de si mesmo; colaboração e aprendizagem compartilhada; o lúdico; política institucional. Os resultados sugerem que a metodologia da TCI foi adequada para alcançar nosso objetivo, podendo ser útil para outras instituições e equipes.

Palavras-chave: construcionismo social; terapia comunitária integrativa; diálogo; colaboração.

ABSTRACT: This study aimed to build a conversational space among participants of a NGO, with the purpose of promoting bonds, collaboration and dialogue. As a procedure, we held an initial meeting, five rounds of Integrative Community Therapy (ICT) and an interview with each participant. For analysis purposes, we highlighted in the ICT circles: feelings of impotence and anxiety as the most frequent themes; and as coping strategies, religiosity and spirituality. As for the interviews, we organized the remarkable moments into six themes: conversational agreements; interpersonal bonds; new vision of oneself; collaboration and shared learning; playfulness; institutional policy. Our results suggest that the ICT methodology was suitable for our objectives and could be useful for institutions and teams.

Keywords: social constructionism; integrative community therapy; dialogue; collaboration.

RESUMEN: Este estudio tuvo como objetivo construir un espacio de conversación entre los participantes de una ONG, con el propósito de promover vínculos, acciones colaborativas y de diálogo entre ellos. Como procedimiento, realizamos una reunión inicial, cinco rondas de Terapia Comunitaria Integrativa (TCI) y una entrevista con cada participante. Para fines de análisis, destacamos en los círculos de TCI: sentimientos de impotencia y ansiedad como temas más frecuentes; y, como estrategias de afrontamiento, la religiosidad y la espiritualidad. En cuanto a las entrevistas, organizamos los momentos que nos parecieron marcantes en seis temas: acuerdos conversacionales; vínculos interpersonales; nueva visión de uno mismo; colaboración y aprendizaje compartido; juguetón; política institucional. Los resultados sugieren que la metodología TCI fue adecuada para nuestro objetivo y podría ser útil para instituciones y equipos.

Palabras clave: construccinismo social; terapia comunitaria integrativa; diálogo; colaboración

MARIA FERNANDA
TEIXEIRA DA COSTA¹

MARILENE A.
GRANDESSO¹

¹ INTERFACI, Indianópolis,
São Paulo/SP, Brasil

Recebido em: 14/10/2023

Aprovado em: 07/11/2023

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o relato de uma experiência desenvolvida em uma ONG da cidade de São Paulo. Conhecida como *O Pão do Povo da Rua*, a ONG nasceu da sensibilidade do casal Ricardo Frugoli e Wesley Vidal diante da enorme quantidade de pessoas famintas vagando pelo centro da cidade no início da pandemia de covid-19, sendo fruto da crença que, promovendo uma alimentação digna, poder-se-ia contribuir para a ressignificação da vida de pessoas vivendo em extrema vulnerabilidade social. Começando com quentinhas e passando para a panificação, agregando amigos e empresas parceiras, Ricardo e Wesley desenvolveram o trabalho de acolher quem se interessasse por ser capacitado a produzir pães e distribuí-los nas ruas.

Se estendermos nosso olhar para a população em situação de rua, vamos nos deparar com dados alarmantes, intensificados após a pandemia de covid-19. De acordo com Ribeiro (2023), 53.188 pessoas viviam nas ruas da capital paulista em março deste ano.

Especificamente no centro da cidade de São Paulo, uma região conhecida como Cracolândia reúne tanto pessoas que não usam *crack*, pessoas que usam de maneira esporádica, quanto as que usam de maneira abusiva (Collier, 2020); algumas estão fugindo de problemas com a lei ou com parentes, outras estão envolvidas com o comércio ilegal de drogas; há pessoas com questões de saúde mental, ex-presidiários e sem-teto que não usam *crack*.

Segundo Collier (2020), as ações do poder público nesse local agem com uma lógica higienista, que visa “acabar com a Cracolândia”, removendo as pessoas daquele espaço, sem considerar que a Cracolândia e o consumo de *crack* são fenômenos que transcendem a esfera médica e sanitária e estão relacionados a processos sociais e políticos mais complexos.

Para apoiar o processo de reintegração social (Lovadini, 2023), é preciso criar condições de restauração de vínculos familiares, possibilidades de educação e qualificação profissional, acesso a empregos e a uma renda adequada. Tudo isso ao mesmo tempo em que se continuam os tratamentos médicos e psicológicos. Da mesma forma, Madruga (2020, p.1), ressalta “a importância do acesso amplo e imediato a diferentes modalidades de assistência e tratamento, para que essas janelas de oportunidade sejam mais bem utilizadas”.

O PÃO DO POVO DA RUA

Em 2023, o Pão do Povo da Rua produzia diariamente 3.000 pães e bolos destinados à distribuição gratuita no centro da cidade de São Paulo. Esses pães e bolos são parte do trabalho daquelas pessoas que, vindas de situação de rua e acolhidas pelo projeto, ingressaram no programa de capacitação em panificação, recebendo bolsa-auxílio e infraestrutura de alojamento, acompanhamento médico, odontológico, psicológico e de assistência social para que pudessem reestruturar a própria vida e reinserir-se no mercado de trabalho.

O Pão do Povo da Rua, começando pela alimentação digna, tem intenção de contribuir para a ressignificação de vidas a partir da promoção de oportunidades de emprego e capacitação, auxiliando pessoas a deixarem a situação de rua e a extrema vulnerabilidade social. Segundo Pizzio (2009), a qualificação se torna um

requisito essencial para garantir uma atividade produtiva e decente para as pessoas. Assim, o trabalho se apresenta como um elemento de integração social e como um meio de potencializar ações que contribuem para a promoção da cidadania. Na nossa cultura, vencer o desemprego apresenta-se como uma forma de ganhar dignidade. Nesse sentido, Paugan (2003) afirma que o desemprego afeta a honra e a dignidade das pessoas que, ao perderem o emprego, se sentem excluídas e desprezadas pelo mundo dos trabalhadores, sendo rotuladas de “vadias”, ou seja, os que não têm honra nem dignidade.

Além desses desafios, no dia a dia da instituição, muitas situações demandavam intervenções dos gestores para administrar dificuldades de convivência e relacionamento entre os participantes. Questões de toda ordem vinham à tona, desde o uso do banheiro, respeito a limites e regras, respeito por si e pelo outro, até direitos e deveres de cidadão.

A complexidade das relações que se estabeleciam nesta comunidade de pessoas que viviam e trabalhavam juntas, trazendo na bagagem histórias de abandono, alienação e abuso de drogas, pedia por processos colaborativos de integração comunitária.

NOSSA PROPOSTA

Atendendo a um pedido da direção da ONG, propusemos criar um espaço de conversação e reflexão em grupo, que pudesse envolver todos os participantes da instituição, de modo a promover um senso de coletividade e de relações colaborativas em prol dos propósitos comuns.

Escolhemos como caminho a Terapia Comunitária Integrativa (TCI) (Barreto, 2008) que seria uma metodologia adequada para nosso propósito porque, segundo Andrade (2022), a TCI promove o senso de corresponsabilidade em uma equipe (especialmente quando as decisões são muito hierarquizadas) e permite sair da verticalidade das relações para a horizontalidade.

A TCI é uma forma de valorizar o que cada pessoa pode oferecer e de superar a lógica que privilegia alguns detentores de informação, com vistas à construção e ao compartilhamento de conhecimento (Andrade, 2022). No compartilhamento horizontal de conhecimento, o resultado das interações potencializa as experiências vividas e o grupo é capaz de acessar uma inteligência coletiva.

Para Grandesso (2015), a TCI favorece conversas produtivas em contextos comunitários e propõe uma metodologia que aproveita significados compartilhados e experiências bem-sucedidas dos participantes para organizar um diálogo, no qual as vozes dos membros da comunidade se unem para orquestrar um espaço de conversas transformadoras. Assim, conversações comunitárias organizadas de acordo com a metodologia da TCI apresentavam-se pertinentes e relevantes para o nosso propósito.

Ademais, no caso específico desta comunidade, na medida em que as pessoas articulassem seus saberes, poderiam desenvolver estratégias para lidar com as questões típicas com as quais se envolviam quando acolhiam novos integrantes, enfrentavam a tentação da recaída no uso de droga, a indisciplina, a falta de vontade de trabalhar, a dificuldade com limites, os sentimentos destrutivos, os conflitos, as brigas, os relacionamentos abusivos com a família etc.

NOSSO PROPÓSITO

O objetivo desse trabalho foi promover o encontro, a escuta, o acolhimento e a reflexão do grupo, ampliando a consciência e a autonomia dos participantes. Além disso, esta ação visou fortalecer a autoestima, o respeito, o olhar apreciativo, a rede de apoio e os laços sociais da equipe, fomentando o sentido de agência e cidadania. Era nossa intenção que o espaço conversacional a ser desenvolvido com os participantes da ONG também pudesse organizar as relações em torno de valores de coletividade e responsabilidade relacional, auxiliando no aprendizado e no auto-desenvolvimento dos participantes.

TIPO DO ESTUDO

Este trabalho se apresenta como uma investigação descritiva-exploratória de caráter qualitativo na modalidade pesquisa-ação (Thiollent, 1986). O propósito de uma pesquisa-ação é ampliar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento, ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos envolvidos. Desenvolvemos nosso trabalho de acordo com uma epistemologia construcionista social (Gergen, 1994; 1999) e uma abordagem apreciativa (Cooperrider & Whitney, 2006), com ênfase nos recursos que pessoas e comunidades dispõem para enfrentar os desafios que vivem. Em tal tipo de pesquisa, os encontros com os participantes são realizados não apenas como forma de obter informação, mas também para gerar sensibilização e engajamento para a mudança. Alguns princípios da investigação apreciativa nos foram úteis neste trabalho: a orientação para o futuro, o foco não está nos problemas, mas nas transformações possíveis e na importância das perguntas, uma vez que entendemos que a transformação começa a acontecer no momento em que fazemos nossa pergunta.

Foram convidados para fazer parte dessa investigação os integrantes do projeto “Pão do Povo da Rua”: o gestor, o coordenador de produção e as pessoas acolhidas pela ONG, em um total de 16 pessoas. Todos eles foram devidamente informados sobre os propósitos e o desenvolvimento deste trabalho e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

O CAMINHO PERCORRIDO

Esse trabalho foi desenvolvido em três momentos, os quais são descritos nas subseções a seguir.

Construção de um espaço de acolhimento

Iniciamos o trabalho com um encontro de aquecimento e conexão entre todo o grupo e a pesquisadora (Maria Fernanda). O propósito desse encontro, coerente com as práticas colaborativo-dialógicas (Anderson, 2022), foi de conhecer o grupo e gerar conexões coletivas entre todos os participantes. Além disso, pretendíamos construir um espaço de confiança e responsabilidade compartilhada.

Assim, para promover um momento acolhedor e de integração entre os membros do grupo, iniciamos com uma atividade de apresentação pessoal, para a qual

utilizamos como ferramenta as cartas do jogo Dixit, que são ilustradas com figuras oníricas. De acordo com nossa orientação colaborativa, pedimos a cada participante que escolhesse uma carta para se apresentar nos seus próprios termos, usando o tempo que lhe fosse desejado. Depois das apresentações, os participantes foram divididos em grupos com três integrantes para refletir sobre a pergunta: *o que queremos conversar daqui para a frente?* Nossa intenção era de promover um envolvimento do grupo como um todo com a proposta de nosso trabalho. Para encerrar, perguntamos para o grupo: *que nome vocês gostariam de dar para o grupo?*. Como último momento, pedimos que respondessem, em uma palavra: *como você está saindo daqui?*

Estiveram presentes neste primeiro encontro 15 pessoas, sendo três mulheres e 12 homens, com idades variando entre 21 e 62 anos. Um dos participantes foi o gestor da ONG. Nossa atenção foi voltada para compreender o significado das narrativas de cada pessoa conforme sua apresentação, a partir da carta escolhida. Consideramos também as propostas sugeridas para o desenvolvimento do trabalho, bem como a escolha de um nome para o grupo e o que estavam levando desse primeiro encontro.

Rodas de Terapia Comunitária Integrativa

Realizamos cinco rodas de TCI envolvendo o grupo todo, com duração aproximada de uma hora e meia, sempre no final do horário de trabalho, no espaço da ONG. Condizente com a proposta da TCI, dispúnhamos as cadeiras em círculo de modo que todos estivessem em condições favoráveis para uma conversação dialógica. Para a realização das TCIs, contamos com a colaboração de uma terapeuta comunitária certificada pela Associação Brasileira de Terapia Comunitária (ABRATECOM), a psicóloga Marlete Bonfim Lima.

As rodas de TCI foram conduzidas de acordo com a metodologia proposta por Barreto (2008). Seguimos suas cinco etapas para organizar a conversação e a partilha de experiências entre os participantes, são elas: acolhimento, escolha do tema (um dilema ou problema apresentado por algum participante), contextualização, compartilhamento de estratégias de enfrentamento do problema contextualizado e encerramento. Valendo-nos de folhas de registro das rodas e das gravações feitas durante a realização de cada etapa, procuramos dar visibilidade, para efeitos de análise, aos temas propostos e escolhidos pelo grupo, às estratégias de enfrentamento dos problemas apresentados e ao impacto de cada roda para os participantes.

Entrevista individual com os participantes

Após uma semana da conclusão das rodas de TCI, realizamos uma entrevista individual de base dialógica com os participantes da pesquisa. O propósito dessas entrevistas foi colher depoimentos dos participantes quanto à importância da experiência vivida ao longo de nosso trabalho. A entrevista foi organizada a partir de duas perguntas disparadoras:

- Como foi para você participar desses encontros que realizamos?
- Você considera que participar desse trabalho fez alguma diferença para você e para o grupo como um todo? Mudou algo entre vocês?

O conteúdo das entrevistas foi analisado com ênfase na poética social, conforme definida por Shotter (2000), buscando por momentos marcantes nas conversas que ocorreram nos encontros. Na poética social, busca-se o inusitado, o desconhecido e singular, não os padrões ou repetições. Assim, conforme ressalta Guanaes (2006, p. 97) procuramos “construir relações ou conexões criativas entre os eventos estudados e outros aspectos da vida social, ampliando as possibilidades de descrevê-los”. Para isso, depois de transcritos, os depoimentos foram lidos várias vezes para identificar momentos marcantes, organizados em temas para efeito de análise. A seguir, passamos a compartilhar os resultados que obtivemos em cada um desses três momentos de nossa investigação

PROCESSAMENTO DO ENCONTRO DE AQUECIMENTO E CONEXÃO

Pudemos notar que o acolhimento favoreceu a conexão entre as pessoas e o entrosamento entre a pesquisadora e o grupo. A escolha das cartas e a narrativa pessoal de auto-apresentação envolveram qualidades e particularidades da vida pessoal e profissional dos participantes, gerando momentos de emoção, humor e surpresa. A experiência permitiu conhecer melhor o grupo e fortalecer os laços entre eles. Ao final da dinâmica, os participantes se mostraram contentes por conhecer melhor os colegas.

Percebemos que a forma simbólica de expressão foi como uma ponte iluminada entre o mundo real (e a bagagem muitas vezes pesada que cada um trazia) e o mundo onírico, de metáforas e sonhos, onde tudo é possível. A vida, por mais dolorosa que fosse, ficou mais leve com a ajuda desta linguagem.

Nas conversas nos pequenos grupos, os participantes enfatizaram a vontade de trabalhar para melhorar suas relações interpessoais e serem mais empáticos uns com os outros. Algumas das ideias principais incluíram aprender a respeitar o espaço do outro, respeitar limites, ajudar o outro, saber como está o outro. Também deram destaque para a importância de saber conversar e poder desabafar, mas sempre tomando cuidado com as palavras que podem ferir. Saber brincar também é uma habilidade importante quando bem dosada, disseram eles. No aspecto individual, perceberam a necessidade de aprender a lidar com explosões e ansiedades, de serem mais flexíveis e de conseguirem manter o bom humor. Além disso, entenderam que o trabalho significa uma melhoria para cada um.

Podemos dizer que o interesse do grupo era condizente com o que o Prof. Ricardo Frugoli apresentou como necessidade da instituição quando de nossas conversas iniciais, envolvendo a melhora das relações e as formas menos conflituosas de resolver as diferenças. Foi marcante o modo genuíno e espontâneo, a disponibilidade e como todos foram aderindo à proposta de nosso trabalho, cada um do seu jeito. No nosso entender, fomos capazes de criar um espaço democrático, onde todos tiveram voz e vez. Quem não quis se colocar foi respeitado e teve presença. A escolha do nome do grupo, “Coração Valente”, trouxe amor, força, coragem e poesia para o trabalho. O destaque nesta atividade foi como, de modo orgânico, o grupo estruturou as bases da TCI: respeito, ajuda mútua, bom humor, melhoria para todos.

A partir dos temas apresentados pelos participantes para conversação, optamos por dar destaque aos que mais foram escolhidos pela comunidade e às estratégias de enfrentamento dos dilemas trabalhados em cada uma das cinco rodas de TCI.

Uma análise da incidência de temas semelhantes revela que os mais recorrentes nas rodas foram **impotência** e **ansiedade**. O sentimento de impotência surgiu no grupo diante de situações que fogem do controle, como o comportamento destrutivo de alguém que amam ou de quem dependem, ou a má escolha do outro que afeta a vida deles. Também sentem dificuldade em lidar com os próprios sentimentos negativos, como o medo, a ansiedade, a frustração e a tristeza, que são despertados por essas situações.

Além disso, os participantes apontaram que sofrem com a sensação de traição, de serem enganados ou abandonados por alguém em quem confiam. Esses acontecimentos, segundo eles, geraram desespero, sofrimento e preocupação, afetando a saúde física, mental e emocional, bem como a sua qualidade de vida presente e futura.

Estes resultados parecem consistentes com pesquisa realizada por Rocha, Sá, Braga, Ferreira & Dias (2013) na Paraíba: o sofrimento mais presente na população que frequenta as rodas de TCI da Secretaria de Saúde Municipal de João Pessoa é o estresse, tema ao qual eles agregam às situações de cansaço, medo, ansiedade, desamparo e desmotivação.

Da mesma forma, quando levantamos as estratégias de enfrentamento, em primeiro lugar aparecem **religiosidade** e **espiritualidade**: pedir a Deus uma saída e usar a fé como instrumento, fator de proteção e estímulo para a mudança. Essas estratégias podem indicar o alívio encontrado em algo maior, fora de si, que suaviza a solidão e a impotência. No estudo de Rocha et al. (2013), essas estratégias também apareceram em primeiro lugar.

Em segundo lugar vieram as **estratégias relacionais**: buscar apoio dos amigos próximos, lembrar da mãe, ajudar outra pessoa através da escuta generosa, não participar de grupos que podem levar à “queda” e, não seguir o caminho do outro. Essas estratégias podem indicar como a rede social, as relações positivas e até mesmo a lembrança de uma relação de apoio é recurso significativo, especialmente no que diz respeito ao uso de drogas.

Em terceiro lugar as rodas indicaram a **autorregulação** e a **adaptação**: aprender a falar o que está sentindo sem ser agressivo, demonstrar a sinceridade do sentimento, estabelecer regras e limites, saber a hora de parar, mudar de atividade. Nesse sentido, destacaram que praticar meditação, esportes e fazer terapia aumentam a capacidade de manejo dos impulsos e das emoções, bem como a flexibilidade para lidar com as mudanças.

Por fim, vieram as **estratégias ligadas à cidadania**, como conhecer seus direitos e deveres, tais como, “armar um barraco” para ser atendido quando é desrespeitado, resolver em outro lugar seu problema, mas voltar para mostrar a solução para a pessoa que não o tinha atendido. Essas estratégias podem indicar questões ligadas a conhecimento, autonomia e confiança nas instituições e nas normas sociais.

Muitas das aflições humanas que os unem podem ser associadas a viver na sociedade da exclusão, da competição, da submissão e do controle. Entendemos que estes temas não são restritos a esse grupo ou mesmo à cidade ou ao país onde ocorrem, mas tratam de angústias universais do nosso tempo e de nossa cultura.

Segundo Maturana & Zöllner (2004), isso ocorre porque tais condições são dinâmicas de negação de nossa natureza como seres humanos. São, portanto, intrinsecamente negadoras do respeito mútuo e do autorrespeito constitutivos do viver democrático.

Já as “curas” que podemos descobrir tanto em nós mesmos quanto conversando com os outros, quando compartilhamos estratégias de superação na roda de TCI, parecem trazer à tona uma forma de relacionar-se (Maturana & Zöllner, 2004) e de conversar que faz frente a essa desolação do viver moderno, por meio da recuperação do respeito por si mesmo e pelo outro, mesmo quando acontece em outra comunidade humana.

TCI: PROCESSAMENTO DOS MOMENTOS MARCANTES NAS RODAS DE TCI

Compartilhamos a seguir alguns momentos que nos pareceram marcantes ao longo do desenvolvimento das rodas de TCI, apoiados não apenas nas falas explícitas, mas também na movimentação corporal dos participantes e no clima emocional da conversa. Valemo-nos, para tanto, de como cada uma dessas disposições nos tocaram em nossa corporeidade e nos diálogos internos motivados, enquanto as rodas seguiam.

Na *Roda 1*, enfrentamos o desafio para engajamento dos participantes nos acordos conversacionais da TCI, especialmente sobre o tema do não julgamento, da acolhida, do respeito ao outro e da escuta generosa. Durante a atividade, um participante expressou sua opinião contrária ao uso de qualquer tipo de droga, provocando uma reação negativa nos demais, que o acusaram de julgar e desrespeitar os outros. A situação gerou um conflito intenso, que culminou na saída daquele participante do projeto. Após o ocorrido, retomamos a roda de conversa e refletimos sobre o que havia acontecido, relacionando com o tema proposto. Os participantes demonstraram capacidade de autoanálise e reconheceram a importância de lidar com as diferenças de forma construtiva.

A *Roda 2* foi iniciada com gestos de afeto e preocupação dos participantes pelas facilitadoras. Eles ofereceram um ventilador “para a professora” e alertaram um colega sobre os riscos de viajar para Buenos Aires, relatando um caso de assalto. Um participante compartilhou sua experiência de viver com regras próprias para evitar o vício. Ele disse que buscava a firmeza a cada dia. As facilitadoras perceberam que o grupo ainda tinha dificuldade de seguir as regras da TCI, mas que isso era esperado em um processo de implantação.

Na *Roda 3*, percebemos um clima de descontração e envolvimento dos participantes, que cantaram e dançaram com alegria no aquecimento. Propusemos que eles mesmos trouxessem os acordos para o diálogo, e eles demonstraram ter compreendido o processo ao sugerirem que não deveriam julgar, interromper, aconselhar ou opinar sobre as falas dos outros. Percebemos também as dificuldades que eles enfrentavam por falta de informação, conhecimento de seus direitos e acesso a serviços públicos de qualidade. Nesse momento nos contivemos para não assumir uma postura de orientação ou esclarecimento, pois isso iria contra o princípio de horizontalidade que buscávamos estabelecer.

Durante a *Roda 4* presenciamos um momento muito emocionante e significativo para todos nós. Uma das participantes compartilhou com lágrimas, a angústia de saber que seu filho estava na Cracolândia. A facilitadora iniciou uma canção popular que diz “encosta sua cabecinha no meu ombro e chora...” e todo o grupo acompanhou. A participante contou que antes ele estava preso e que isso era um consolo,

porque lá ele estava protegido, mas que naquele dia soube que ele tinha sido solto e foi visto na Cracolândia. Ela ficou devastada com a notícia da recaída. Todo o grupo se sensibilizou, choramos com ela. No final, ela disse que se sentia mais leve e ficamos contentes de poder oferecer o acolhimento que ela precisava. Antes de encerrar a roda, lembramos que o próximo encontro seria o último.

A Roda 5, o último encontro, foi um desafio para as facilitadoras, pois a participação estava mais acanhada e havia um clima de despedida. Apenas um tema emergiu: a ansiedade e seus efeitos. Os participantes relataram como se sentiam ansiosos e como isso afetava suas vidas. Uma participante nova se integrou à roda, sentindo-se acolhida e beneficiada pela TCI.

Concluimos que, em termos de mudanças, foi marcante a abertura de um espaço relacional novo e talvez inédito para todos. Tão naturalizada está, em nossa cultura, a falta de equidade, que a simples criação pelo grupo de uma clareira de respeito mútuo pode ser percebida como extraordinária, como dizem Maturana & Dávila (2009).

Sob esta perspectiva, a TCI tratou de trazer à mão o resgate de nossa condição humana fundamental de ter presença plena nos encontros, de estarmos inteiros na escuta e não focados nas dores do passado ou nas expectativas do futuro. É notável como a TCI promove isso de forma simples, por meio dos acordos conversacionais. Ao longo do processo interativo de lembrar-se de não julgar, não dar “pitacos” (como os participantes diziam), não dar conselhos, fomos incentivando a conservar o novo comportamento que permite que o outro surja de forma plena.

TCI: PROCESSAMENTO DA CONVERSA DESENVOLVIDA NA RODA

No encerramento de cada roda, a facilitadora perguntava: “*o que estão levando da roda de hoje? Em uma palavra*”. Notamos que, em um primeiro momento, este pedido foi bastante inusitado para o grupo. Parecia que as pessoas não estavam acostumadas a refletir sobre uma experiência que tinham acabado de viver, e muito menos de se expressarem sobre isso publicamente. Ao longo do tempo, eles foram verbalizando mais, como que incorporando este jeito e conseguindo se expressar melhor.

Os temas seguintes surgiram no compartilhamento do que levaram da TCI: gratidão, interação com os colegas, conhecimento e apoio. Esses quatro temas reapareceram nas entrevistas individuais que fizemos depois do encerramento das rodas e nos momentos marcantes que apresentamos a seguir.

ENTREVISTAS INDIVIDUAIS: DEPOIMENTOS DOS PARTICIPANTES

A fim de compreendermos os momentos marcantes surgidos nos depoimentos dos participantes, procuramos organizá-los em temas. Cada tema refere-se a um momento que identificamos como marcante. Os depoimentos foram organizados a partir destes temas emergentes e foi feita uma síntese dos depoimentos que compõem cada momento marcante.

Tema 1: Acordos conversacionais

Seguir os passos da conversação formulados pelas TCI contribuiu para que respeitassem mais as diferenças e opiniões dos outros, aprendessem a ouvir e a lidar melhor com situações conflituosas. Alguns participantes relataram que conseguiram resolver problemas com colegas ou superiores de forma mais tranquila e assertiva, sem recorrer à violência ou ao desrespeito. Outros disseram que aprenderam a não julgar ou dar conselhos indesejados, mas sim a oferecer apoio e compreensão, como no depoimento: “pra gente saber lidar melhor com o próximo, saber ouvir mais, não julgar”.

Anderson (2022) considera que a escuta generosa, ouvir para compreender, pode ocorrer apenas quando estamos abertos à diferença e à singularidade do outro, sem culpabilização ou crítica. Daí a mudança quântica que parece acontecer quando as pessoas conseguem parar de julgar: o alívio da aceitação, da inclusão e do acolhimento fizeram parte dos depoimentos do grupo.

Tema 2: Vínculos interpessoais

Os relatos individuais expressam como os encontros da TCI ajudaram na convivência, na melhora do clima da instituição e nas relações entre os participantes. Eles relataram como ficaram conhecendo melhor o outro, como mudaram de atitude e na maneira de ver os colegas, com mais empatia e solidariedade. Contaram como conseguiram superar conflitos e “picuinhas”, respeitar mais as diferenças e se entrosarem. As conversas, nesses moldes, também ajudaram a fortalecer os laços de amizade e de confiança entre eles, que se sentiram mais valorizados e acolhidos. Nesse sentido, podemos dizer que, de um agrupamento de pessoas convivendo na instituição, as TCIs favoreceram a formação de uma equipe, compartilhando propósitos comuns. O depoimento a seguir expressa isso: “e fortaleceu mais porque a gente conversa mais. Aquela conversa que a gente não tinha antes. Acho que a gente tá um pouco mais entrosado...”.

Tema 3: Nova visão de si mesmo

Para os participantes, as conversas foram uma oportunidade de se expressar, de falar sobre seus medos, receios e aflições, de colocar o que pensavam e sentiam. Além disso, afirmaram que as conversas contribuíram para a sua transformação pessoal, para a resolução de problemas e para a busca de uma vida mais estável, saudável e consciente. Um dos participantes compartilhou: “a gente teve a oportunidade de se expressar, de expressar nossos medos, nossos receios, né?”.

Esses depoimentos nos remetem a Maturana & Dávila (2009), quando consideram que a dor e o sofrimento surgem das negações geradas pelo viver numa cultura centrada em relações de dominação. Quando abrimos um espaço de confiança onde temos presença, nossa necessidade de expressão transborda e emerge a alegria de ser aceito, algo que muitos de nós raramente experimentamos ao longo da vida. Este aspecto se relaciona com nosso objetivo de reforçar a autoconfiança dos participantes e de abrir um espaço onde fosse possível ouvir a si mesmo e aos outros, ressignificando vivências, conquistas, potencialidades e sofrimentos.

Tema 4: Colaboração e aprendizagem compartilhada

Os participantes relataram que o espaço criado foi uma oportunidade para trabalhar a união do grupo. Eles destacaram que o clima afetivo do ambiente mudava quando se reuniam, pois havia uma tentativa de se acertarem. Afirmaram também que aprenderam muito com as experiências e as sugestões compartilhadas, que serviram para tirar dúvidas, resolver conflitos e evitar estresse. Eles disseram sentirem-se acolhidos, à vontade e bem com a comunicação e a interatividade com a “galera”. Segue um relato de um dos participantes: “aprendi muita coisa e depois fiquei com muitas, muitas sugestões que foi dada, tirei umas dúvidas que eu tinha em mente, sentimentos que eles põem para fora, que serviram para mim também”.

Este tema é condizente com o conceito de aprendizado colaborativo definido por Anderson e London (2017) como uma abordagem relacional e conversacional. Anderson e London ressaltam que cada membro da comunidade de aprendizado, educadores e alunos, contribui para a produção de um novo aprendizado (conhecimento, habilidades, competência), incluindo a sua integração e aplicação e dividindo as responsabilidades de tudo isso. Aqui, no caso da TCI, todos são aprendentes e ensinantes (Barreto, 2008), se beneficiam do compartilhamento de experiências de vida e saem transformados.

Tema 5: O lúdico

O grupo sentiu-se mais acolhido e motivado com as dinâmicas propostas pelas facilitadoras, que trouxeram leveza, diversão e estímulo. Alguns participantes do grupo compartilharam que se sentiram gratificados e maravilhados com a experiência. O grupo também percebeu uma maior proximidade e afeto entre os colegas, que se refletiu em gestos simples como abraços e toques. Relataram que as dinâmicas podem ter mudado a forma como se relacionam e se lembram uns dos outros. Segue outro depoimento: “talvez essa simples brincadeira de cada um ter segurado o braço do outro, eu acho para mim talvez tenha mudado por aí, eu acho. Os coleguinhas lembrarem do outro. Pra mim foi isso”.

Maturana & Zöller (2004) nos alertam que o patriarcado deslegitimou o brincar e o lúdico como modos de viver vitalícios para nós seres humanos. A TCI resgata a música, a cultura e a brincadeira como etapas naturais dos processos grupais. A princípio, as pessoas podem estranhar, mas quando se rompe a resistência e se quebra o paradigma do controle, podem encontrar a leveza e a alegria de viver expressa em cantar e dançar juntos.

Tema 6: Política institucional

Após uma conversa da pesquisadora com as lideranças da instituição, eles mudaram sua visão sobre a forma como estavam lidando com a questão da redução de danos, e reviram a conduta sobre comportamentos adequados, deixando mais clara uma regra referente àquilo que é esperado dos colaboradores, enquanto estão dentro do prédio e vestindo uniforme do Pão do Povo da Rua: “foi aquela conversa que nós tivemos, eu você e o professor Ricardo, depois eu saí, você ficou lá com ele? Ele entendeu a questão da redução de danos, aí virou essa chave nele também”.

Um outro ponto marcante no que se refere ao contexto relacional foi observado no depoimento de um dos participantes que conseguiu ajudar uma amiga (presente em uma das rodas) que estava em situação de vulnerabilidade e risco de suicídio, indicando-a para um emprego na instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha da TCI parece ter sido um encaixe extremamente feliz para atingirmos nossos objetivos, tanto no sentido de organizar um espaço conversacional colaborativo-dialógico da comunidade, quanto de fomentar a prática do espaço conversacional como lugar de encontro, escuta, acolhimento e reflexão do grupo, com o sentido de ampliar a consciência e a autonomia da equipe. A experiência com a roda dentro da organização, sempre com as mesmas pessoas, foi amplificada para tratar de questões pessoais, de relações entre duas ou três pessoas sem ter que expor o outro ou criar conflito. Os participantes apropriaram-se da proteção que a roda de TCI ofereceu para não precisar tratar assuntos delicados individualmente. Durante o processo dos cinco encontros, nós, facilitadoras, sentíamos que havia “recados sendo dados” e não sabíamos das histórias que ocorriam nos bastidores, ou durante a semana, como eles relataram posteriormente. Apenas no momento posterior às rodas ouvimos depoimentos de como estavam funcionando e como isso foi válido para eles.

As interações nos pareceram ter sido apreciativas e generativas. Nos processos generativos ou apreciativos (dos quais a TCI faz parte), a forma da comunicação e a aprendizagem em grupo reconfiguram o lugar de cada participante (Schnitman, 2015). Segundo a autora, os participantes de processos desse tipo recuperam poder, na medida em que se reafirmam mutuamente como capazes de gerar opções, aprender e avançar na direção desejada. Fazendo uma leitura, conforme ressalta Paulo Freire (1970), os participantes aprendem como aprender, como criar projetos, narrativas, soluções e processos para transformar suas circunstâncias e a si mesmos por meio da colaboração, do diálogo e do aprendizado. Em suma, eles participam da criação de novos mundos pessoais, interpessoais e sociais.

Segundo Lazzarini & Grandesso (2010), a nossa identidade pessoal é construída a partir das relações que estabelecemos com as outras pessoas. Quando somos valorizados e reconhecidos pela nossa rede social, a nossa autoestima se fortalece e nos sentimos mais confiantes e capazes de crescer em diferentes áreas, como a pessoal, a profissional e a afetiva, e de superar os desafios da vida. Grandesso (2015) também nos chama a atenção para um aspecto relevante que se deve pensar, ao analisar uma comunidade, como um cenário de interações: um grupo de pessoas só forma uma nova realidade interacional quando os participantes desenvolvem um senso de identidade grupal, após valorizar o que foi compartilhado. Gergen (2011) acredita que reconhecer as realidades construídas localmente como “nossas” é um passo importante para a conexão com os outros, mas para ele, o elemento crucial é o “encantamento”. É o encantamento que, afirma ele, confere à unidade, seja ela um casal, um time, um clube ou uma organização, seu valor. Mas, para isso, é necessário encontrar sentidos em comum, que segundo Gergen, atribuem à unidade em questão um senso de importância transcendente. Segundo ele, tal importância não vem da presença específica de indivíduos únicos, mas da convergência dos envolvidos no processo.

Testemunhamos como o projeto do Pão do Povo da Rua tem esse dom de encantar. A forma como surgiu e foi se construindo, com quem foi se juntando, mostra como tem a capacidade de atrair e dar sentido às contribuições de simpatizantes, amigos, colaboradores, voluntários, madrinhas e padrinhos que estão sempre colaborando e contribuindo das mais variadas formas.

Nosso desafio agora é manter a chama acesa. Esse trabalho de integração do grupo e de conversas generativas pode ser compreendido como um marco importante nessa direção. A oportunidade de expressão, de valorização e apreciação de si e do outro faz lembrar música de Charlie Brown Jr, *Dias de Luta, Dias de Glória* (Chorão & Thiago, 2006): foi aparecendo como necessitamos de conversas para contar histórias, tanto boas, como as de superação, quanto as tristes e de frustração. A expressão pode ser terapêutica nos dois sentidos. Tomamos emprestadas partes dessa canção como metáforas dos significados construídos ao longo desse trabalho: “canto minha vida com orgulho, na minha vida nem tudo acontece, mas quanto mais a gente rala mais a gente cresce” (Chorão & Thiago, 2006). Quantas equipes que trabalham juntas não se dão o direito de pausa para refletir. Refletir para questionar, para poder mudar, para evoluir. Pausa para ver o outro, se conhecer, pausa para descobrir e sonhar juntos.

“A vida me ensinou a nunca desistir, nem ganhar, nem perder, mas procurar evoluir” (Chorão & Thiago, 2006). O quanto fomos capazes de nos abrimos para aprender um jeito novo de nos relacionarmos. Na escuta generosa, no respeito pela fala do outro, no silêncio para ouvir. O quanto valorizamos a oportunidade de aprender juntos.

“Podem me tirar tudo que tenho, só não podem me tirar as coisas boas que eu já fiz para quem eu amo. E eu sou feliz e canto, o Universo é uma canção, e eu vou que vou, História, nossas histórias, dias de luta, dias de glória” (Chorão & Thiago, 2006). Finalmente, como pudemos nos aproximar, no corpo e no espírito, deixar de lado as “picuinhas” e nos enxergarmos como lutadores, gloriosos, capazes de tantas conquistas.

REFERÊNCIAS

- Anderson, H.** (2022). Escutar: uma perspectiva de prática colaborativo-dialógica. In M. A. Grandesso (Org.). *Construcionismo Social e práticas colaborativo-dialógicas a serviço de ações generativas e humanizadoras*. (pp. 195-199). Editora CRV.
- Anderson, H. & London, S.** (2017). Aprendizado colaborativo: ensino de professores por meio de relacionamentos e conversas. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 21 (43), 22–37. <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/263>.
- Andrade, Z. P.** (Abril de 2022). Entrevista: Conheça mais sobre a Terapia Comunitária Integrativa (TCI) oferecida na ENSP. *Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Informe ENSP*. <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/52968>
- Barreto, A. P.** (2008). *Terapia comunitária passo a passo*. LCR.
- Chorão & Thiago, C.** (2006). Dias de luta, dias de glória. [Intérprete: Charlie Brown Junior]. In: *Single*. Virgin EMI.
- Collier, T. N.** (2020). *Pedra, papel e tesoura: direitos humanos, redução de danos e política pública na Cracolândia de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

- Cooperrider, D. L. & Whitney, D.** (2006). *Investigação Apreciativa: uma abordagem positiva para a gestão de mudanças* (1a ed.). Qualitymark.
- Freire, P.** (1970). *Pedagogia do Oprimido* (17a ed.). Paz e Terra. Publicado originalmente em 1987.
- Gergen, K. J.** (1994). *Realities and Relationships: Soundings in Social Construction*. Cambridge: Harvard University Press.
- Gergen, K. J.** (1999). *An Invitation to Social Construction*. London: Sage Publications Inc.
- Gergen, K. J.** (2011). *Relational Being: Beyond Self and Community*. Oxford, WA: University Press.
- Grandesso, M. A.** (2015). Integrative Community Therapy: a Collective space of dialogical conversation and collaborative exchanges. In E. F. Rasera. *Social Constructionist Perspectives on Group Work*. Chagrin Falls: Taos Institute Publications, 123-134.
- Guanaes, C. A.** (2006). *Construção da mudança em terapia em grupo: um enfoque construcionista social*. (1a ed.). Vetor.
- Lazzarini, L. & Grandesso, M.** (2010). “Minha vida tem sentido toda vez que venho aqui”: significado atribuído à Terapia Comunitária pela família do participante. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 10, 30–47.
- Lovadini, G. B.** (2023, 9 de março). Soluções para a Cracolândia devem passar por políticas públicas adequadas, e não se limitar à responsabilização exclusiva dos usuários. *Jornal da Unesp*. <https://jornal.unesp.br/2023/03/29/solucoes-para-a-cracolandia-devem-passar-por-politicas-publicas-adequadas-e-nao-se-limitar-a-responsabilizacao-exclusiva-dos-usuarios/>
- Madruga, C. S** (Cod.) (2020). *Levantamento das Cenas de Uso de Capitais* – LECUCA. UNIAD. https://www.uniad.org.br/download/relatorio-lecuca-sp_final-pdf/>
- Maturana, H. R. & Dávila, X.Y.** (2009). *Habitar humano em seis ensaios de biologia-cultural*. Palas Athena.
- Maturana, H. R. & Zöller, G. V.** (2004). *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia*. Palas Athena.
- Paugan, S.** (2003). *Desqualificação social: ensaio sobre a nova pobreza*. Cortez Editora.
- Pizzio, A.** (Março de 2009). Desqualificação e qualificação social: uma análise teórica conceitual. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, IX (1), 209-232.
- Ribeiro, J. P.** (2023) Cidade de SP registra mais de 53 mil moradores em situação de rua, alta de 1,8% em março, segundo levantamento. Tv Globo e g1. Recuperado de <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/06/09/cidade-de-sp-registra-mais-de-53-mil-moradores-de-rua-alta-de-18percent-em-marco-segundo-levantamento.ghtml>
- Rocha, I. A., Sá, A. N. P., Braga, L. A. V., Ferreira Filha, M. O., Dias, M. D.** (2013) Terapia comunitária integrativa: situações de sofrimento emocional e estratégias de enfrentamento apresentadas por usuários. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 34(3), 155-162. <https://doi.org/10.1590/S1983-14472013000300020>
- Schnitman, D. F.** (2015). Appreciative and Generative Perspectives. Points of Convergence in a Productive Dialogue. *AI Practitioner*, 17(1), 14-20.
- Shotter, J.** (2000). *Conversational realities: constructing life through language - Inquires in social construction*. Sage. Originalmente publicado em 1993.
- Thiollent, M.** (1986). *Metodologia da Pesquisa-Ação*. (2a ed.). Cortez Editora.

MARIA FERNANDA TEIXEIRA DA COSTA:

Mestre em Psicologia Social IPUSP, Facilitadora de processos grupais, Docente de Investigação Apreciativa pelo INTERFACI.

<https://orcid.org/0001-7107-3870>

mafeteco@gmail.com

**Cuidando do 'Povo do Pão':
Promovendo colaboração
e diálogo entre participantes
de um projeto social**

37

*Maria Fernanda Teixeira
da Costa*

Marilene A. Grandesso

MARILENE A. GRANDESSO

Doutora em Psicologia Clínica pela PUC, Fundadora e coordenadora do INTERFACI, Coordenadora do Certificado em Práticas Colaborativo-Dialógicas-ICCP INTERFACI, professora e supervisora de Terapia Familiar e de Casal pelo NUFAC- PUC-SP.

<https://orcid.org/0000-0001-6196-3343>

marilenegrandesso@gmail.com